

28 DE ABRIL

SEMPRE É TEMPO DE LEMBRAR

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Professora Associada UERJ & 2ª Vice-presidente da ASDUERJ
(Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)]

28 de Abril Para Que? Para Quem?

Pensando nesse dia me perguntei até quando vamos nos reunir uma vez ao ano para lembrar Antônio, Betos, Carlos.... Nem com um genocídio que nos levou milhares de Eduardos, Flávios, Genésios, Júlios fomos capazes de nos revoltar e dar um basta. Lembro que elegemos o Lula. Mas foi por pouco, muito pouco. Não foi uma revolta maciça de indignados pelos milhares de Lucianos, Marcos, Nestores, Osmares. Longe disso. Não conseguimos impedir a eleição do subespécie de genocida no Rio de Janeiro. E pior, esse estado elegeu o Pazuello, ex ministro da saúde que ostentando a especialidade em logística privou o país de vacina e Manaus de oxigênio. Quantos anos mais retornaremos aqui para lembrar e contar Queirozes e Renatos, mas ao mesmo tempo eleger Sérgio (o Moro)? O que nos falta para nos armarmos de canetas, teclados, constituição, coragem e decisão e realmente honrarmos os Tomases, Ubiratans, Vinicius, Xavieres e Zecas? Aqui bem em frente existe uma porta aberta, aguardando para ser ultrapassada. A porta da coragem de dizer um basta à omissão, à covardia de quem se alimenta de 480 mil reais, fecha serviços de saúde e ri de todas as Marias, Luizas, Sonias e Olgas mortas direta ou indiretamente do trabalho. Seu riso é tão alto que ecoa em Brasília. Mas só é alto porque nós deixamos o eco reverberar. Só é alto porque não colocamos mordanças, temor e algemas. É a nossa omissão em forma de sangue que alimenta esses vampiros.

Até quando a luta contra o amianto vai resistir depois que Fernanda Giannasi e Eliezer se forem? Não por meu desejo.

Mas porque todos somos finitos no corpo. Mas alguns são infinitos na indignação e na luta.

Esses são os imprescindíveis de Brecht. No que avançamos na luta contra a LER depois que perdemos Liz Ester?

Nem aprendemos a localizar o quantitativo dos casos. Pior, naturalizou-se pela categoria “endêmica”.

Que venham Simones, Dandaras, Dilmás e Erundinas a nos lembrar que Frida não se calou, que Clementina sofreu com música e Marielle teve a raça que 70 deputados não tiveram. Este não é dia de luto, é de luta, por nós, pelos milhares que se foram e pelos outros milhares que vamos lembrar no próximo ano.

Mas oxalá estejamos aqui no próximo ano acompanhados dos gestores de saúde do trabalhador enfrentando as mortes e os assédios. Que tenhamos na história coordenações estaduais que tenham respeito pelos humanos e que seu compromisso seja com uma nova epidemiologia. A de salvar 10 vidas por mês, um Antônio, um Marcel, um Francisco. A de devolver a dignidade a 50 Josianes por mês que deixarem de ser assediadas, a 80 Severinos libertos do trabalho escravo, a 130 Luizinhos, que não vão contrair silicose ou asbestose. Que consiga evitar a morte de 270 Rosas e Aldos Vincentins por mesotelioma e de 5.400 Jorginhos por acidente de trabalho. Há que se reinventar um centro que seja mais do que promotor da Saúde, seja um promotor de Felicidade. Neste centro estarão pessoas, construindo a utopia de espaços de trabalho que promova felicidade e isso vai de salários à EPI. Um modelo de cuidado que seja emancipador das virtudes e não delimitador de procedimentos de segurança.

Se não formos nós, quem vai enfrentar o autoritarismo científico e a arrogância técnica colonialista?

Esse modelo não honra os que lutaram até agora. Há que se recriar novas e descolonizadas estratégias de promover vida e felicidade a partir do trabalho. Conjuguar o verbo Direito em detrimento do verbo Segurança.

A epidemiologia que quero ver no próximo ano é daqueles que salvamos, os pseudo técnicos que banimos do serviço público e muitas, muitas outras Danieles, Ilquias e Álvaro que abriram a porta da coragem e entraram pra valer nessa luta social.

Se não for pra isso do que valerá vir todo mês ao fórum intersindical ou à CIST, ou a Comissões?

O que falaremos para Luciene em Brasília? Para Salvador, Luizinho, Dulcenila?

O que falaremos aos vivos que não protegemos e aos mortos que não honrarmos no próximo ano?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.